



HUMANISMO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL¹

HUMANISM AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE

HUMANISMO E INTELIGENCIA ARTIFICIAL

LICENÇA CC BY:

Artigo distribuído sob os termos Creative Commons, permite uso e distribuição irrestrita em qualquer meio desde que o autor credite a fonte original.



Juremir Machado da Silva

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Artigo recebido em: 19/09/2025

Aprovado em: 02/10/2025

Resumo: Este artigo analisa as transformações sociais decorrentes da revolução tecnológica e da inteligência artificial (IA). Argumenta que a IA, com sua memória e capacidade de processamento superiores, está suplantando a inteligência humana em tarefas laborais, especialmente as de cunho intelectual. A tese central é que este cenário aponta para uma sociedade pós-trabalho, onde a utilidade econômica do "homo faber" se esvai. Em vez de lamentar, o texto propõe que o fim do trabalho representa uma oportunidade para a humanidade se libertar das imposições produtivas e se voltar a dimensões subjetivas e não utilitárias da vida, como a arte e a poesia. Conclui-se que o desafio reside em como a sociedade se adaptará a essa liberdade radical, dada a possibilidade de uma servidão voluntária à tecnologia e a falta de controle sobre seu avanço.

Palavras-chave: Inteligência artificial. Humanismo. Tecnologia.

Abstract: This article analyzes the social transformations resulting from the technological revolution and artificial intelligence (AI). Argues that AI, with its superior memory and processing capabilities, is supplanting human intelligence in labor tasks, especially intellectual ones. The central thesis is that this scenario points towards a post-work society, where the economic utility of the "homo faber" vanishes. Instead of lamenting this, the text proposes that the end of work represents an opportunity for humanity to free itself from productive impositions and turn towards subjective and non-utilitarian dimensions of life, such as art and poetry. It is concluded that the challenge lies in how society will adapt to this radical freedom, given the possibility of voluntary servitude to technology and the lack of control over its advancement.

Keywords: Artificial intelligence. Humanism. Technology.

Resumen: Este artículo analiza las transformaciones sociales derivadas de la revolución tecnológica y la inteligencia artificial (IA). Argumenta que la IA, con su memoria y capacidad de procesamiento superiores, está suplantando la inteligencia humana en tareas laborales, especialmente las de carácter intelectual. La tesis central es que este escenario apunta a una sociedad post-laboral, donde la utilidad económica del "homo faber" se desvanece. En lugar de lamentar esto, el texto propone que el fin del trabajo representa una oportunidad para que la humanidad se libere de las imposiciones productivas y se oriente hacia dimensiones subjetivas y no utilitarias de la vida, como el arte y la poesía. Se concluye que el desafío radica en cómo la sociedad se adaptará a esta libertad radical, dada la posibilidad de una servidumbre voluntaria a la tecnología y la falta de control sobre su avance.

Palabras clave: Inteligencia artificial. Humanismo. Tecnología.

¹ Texto produzido a partir de palestra feita no I Congresso Brasileiro de Políticas da Vida na Era Digital promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Univali.

O HUMANO EM TEMPOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIGITALIZAÇÃO DA VIDA

Há mais ou menos trinta anos a humanidade vive num novo mundo. O mundo da internet e das tecnologias que colocam virtualmente cada um em contato com todos. No plano subjetivo, cada um para e pensa nos seus primeiros acessos, nos primeiros provedores, nos primeiros e-mails, na internet discada e no seu ruído de conexão inesquecível. Aquele chiado ainda ressoa na memória de quem viveu os anos 1990 e a chegada da Web. Quase se comemorava como se fosse um gol quando a conexão se estabelecia. Quem, tendo experimentado essa revolução, não se lembra dos primeiros computadores pessoais?

Como este texto nasceu de uma palestra, escreverei em primeira pessoa, explicitando, como defende Edgar Morin a subjetividade do autor na sua autoria. Jovem jornalista em Zero Hora, diário de Porto Alegre, a informatização havia chegado para mim em 1986, mas em terminais de computador, não em um computador pessoal, o que só viria a partir de 1993, quando comprei, em Paris, durante meu doutorado em sociologia na Sorbonne, meu primeiro Mac. Entrei numa espécie de facção, uma seita, na qual eu me mantengo até hoje, que só aceita quem tem Apple, um Macintosh. Quem entra, não consegue mais sair, mesmo que hoje os chamados PCs e os Mac estejam muito mais próximos e que os dois tipos de computador possam ser usados pela mesma pessoa num mesmo dia de trabalho.

Diferenças persistem. Na verdade, as diferenças são enormes, embora na realização das coisas elas não sejam tão importantes assim. Tudo isso para dizer que já se fez uma longa caminhada, ao mesmo tempo, tão curta, pois se olha para trás e foi ontem que isso tudo começou. Este preâmbulo serve para introduzir o que realmente vai ser dito: pessoalmente nada tenho contra a tecnologia. Nem contra as redes sociais. Sempre que aparece uma rede nova, eu entro nela. Estive pouco no Orkut, mas estou no Twitter desde que praticamente todo mundo entrou nessa rede. O Twitter começou lá por 2006, mas, na verdade, as pessoas no Brasil entraram, a grande maioria, basta olhar ali no perfil das pessoas, em 2009. Foi uma entrada em massa, como que a descoberta de um brinquedo novo, especialmente no meio jornalístico. Estou no X, no Facebook, no TikTok. Entrei no Bluesky quando houve a suspensão do Twitter pelo STF. O Bluesky é o Twitter antes do Elon Musk. Só que as pessoas não estão lá. Não tem tanta restrição, nem ódio. Infelizmente não ganhou adesão em massa.

O tema aqui, contudo, é muito mais sobre o humano. Para onde vai o humano? O problema do humano é antigo, um problema importante da filosofia ao longo do século XX. Pode-se pensar no humano com Martin Heidegger ou com Jean-Paul Sartre e o existencialismo como um humanismo. Ou a partir de toda a discussão com os estruturalistas sobre o lugar do humano, o lugar do sujeito. Eu sou um moriniano. Fiz meu pós-doutorado com Edgar Morin, traduzi quatro volumes de "O Método" para o Brasil. Só neste ano de 2025 traduzi três livros do Edgar Morin. Isso tem muita influência sobre como penso e ajo.

O fundamental é pensar o lugar do sujeito nas coisas. O sujeito não morreu, não pode morrer, não vai morrer. Ou só vai desaparecer quando a humanidade morrer. Mas qual será esse lugar do sujeito na sociedade tecnológica em que estamos inseridos e cujos desdobramentos mais inusitados estamos apenas começando a ver acontecer?





Estamos desenhando cenários. O que aparece no horizonte é, por exemplo, o fim do trabalho. Estamos indo direto para a sociedade do pós-trabalho. Quase tudo o que fazemos, máquinas vão fazer ou já fazem. Ou vão fazer melhor por duas razões. Uma é que boa parte do que fazemos, especialmente nós que trabalhamos com o intelecto, é conjugar capacidade de armazenamento de dados, de memórias e capacidade de combinação desses dados. Um homem médio, uma pessoa comum, faz um número razoável dessas combinações de acordo com as potencialidades e falhas da sua memória. Um homem genial faz combinações muito rápidas, muito impressionantes e que não estão ao alcance de todos. A inteligência artificial, porém, tem algumas vantagens, e ela só está começando, sobre os humanos. Por exemplo, só pode cometer erros por ter a memória mal alimentada. Era um problema do ChatGPT no começo, cuja base de dados era anterior a 2021. Então se perguntasse para o GPT sobre coisas acontecidas depois dessa data ele não sabia responder. Errava ou não respondia.

A inteligência artificial tem uma memória com uma vantagem importantíssima sobre os humanos: ela não esquece. Isso é fatal para nós, pois esquecemos, temos Alzheimer, lemos um livro inteiro, ficamos apaixonados pelo livro e três meses depois não lembramos do que foi lido. Eu adorava ler romances policiais, especialmente os do grande Georges Simenon, ótimos para pegar avião e não pensar no voo nem nos problemas da vida. Usava muito esse recurso para não pensar nas viagens frequentes que precisava fazer. Quando eu olho na minha biblioteca, chego a ter seis exemplares do mesmo título. Eu comprava no aeroporto, da coleção Pocket da editora L&PM, de Porto Alegre. Lia inteiro no voo, chegava em casa, guardava e três ou quatro meses depois, em outra viagem, comprava o mesmo livro e não me lembrava de que já o tinha lido. Ou seja, minha memória é muito ruim, pior do que a média, uma tragédia, quase uma confissão de incompetência para guardar informações. Como é que minha memória tão ruim vai concorrer com a memória de uma inteligência artificial que não esquece nem se confunde durante um voo? Nem se angustia. Esse é o primeiro ponto.

O segundo ponto é que a IA combina tudo numa velocidade inacreditável com a qual eu também não posso concorrer. E assim grande parte do que fazemos será suplantado. Parte do trabalho de um advogado, muitas vezes, é saber que decisões a justiça já tomou sobre um caso semelhante ao que ele tem em mãos. Descobrir tudo que foi decidido antes em termos de jurisprudência, os acórdãos daqui e dali, pode livrar um cliente de uma condenação. Esse trabalho era feito pesquisando manualmente, compulsando, fichando e memorizando. Os bons advogados precisavam ter uma memória incrível. Lembrar que a corte suprema havia tomado tal decisão em 1917. Já não é mais assim. A memória artificial massacra a natural.

Historiadores, sociólogos, filósofos, enfim, perdem em erudição para uma memória total. Pode-se pedir ao GPT para fazer um cruzamento de todos os filósofos do século 20 que falaram da possibilidade da morte do homem. Em 15 segundos, ele dá o resultado. Ficamos siderados diante de tantas análises negativas sobre o humano e sua saga. A IA pode citar o livro de Sartre sobre o existentialismo como humanismo, resumi-lo e criticá-lo enquanto um ser humano tenta localizá-lo na estante. Marina Colasanti, a grande escritora que faleceu recentemente, dizia ter esse problema, que também tenho: ler, reler, esquecer tudo, absolutamente tudo. Misteriosamente alguns livros e algumas coisas ficam.



Por que mesmo? É uma boa pergunta para a qual não se tem resposta segura. É claro que os psicólogos têm algumas respostas. Não acho que sejam respostas convincentes. Prefiro fazer como muitos físicos que, com frequência, dizem assim para um problema importante: "Não sabemos". Existe um best-seller escrito por dois físicos, Jorge Cham e Daniel Withereson, com este sugestivo título: *Não tenho a menor ideia* (2019).

As questões para as quais não temos respostas são problemas importantes. Caminhamos para alguma coisa que deveria ser comemorada, mas da qual estamos com medo e lamentando a possibilidade do fim, o fim do trabalho. O fim do trabalho poderia ser comemorado como a última e mais importante abolição da escravidão. Depois da escravidão dos africanos, abolida em cada país, num determinado momento, o Brasil sendo o último dos grandes países a abolir, depois dessa abolição, a abolição do trabalho assalariado para que possamos fazer o que quisermos, enquanto aquilo que a gente fazia será feito por máquinas. Yuval Harari, em *Homo Deus* (2016), diz que talvez por volta por 2050 grande parte da humanidade será "inútil". Ele usa esse termo pesado, inútil, no sentido do trabalho, da empregabilidade. O mercado não precisará mais dessas pessoas nas funções produtivas.

Parece ficção científica, mas está aí batendo na porta. Nós temos que reinventar muita coisa agora já. Por exemplo, nós que trabalhamos com pós-graduação, cujo mecanismo de avaliação é o trabalho escrito, a dissertação, a tese, tudo que cada vez mais contará com a colaboração das múltiplas inteligências artificiais. Claro que as instituições se protegem com ferramentas para detectar o uso de máquina. Por enquanto, elas são ainda ruins. A gente pode fazer testes. Eu já fiz vários testes. Escrevo um texto na hora e peço para uma daquelas ferramentas conferir se teve o uso de inteligência artificial. Ela diz 90% máquina. Eu sou uma máquina. É porque ela me confunde com a máquina. Mas isso é só um defeito desse tipo de ferramenta, que vai desaparecer logo. Não tenho dúvida quanto a isso. Boa parte do que nós fazemos não estará mais à nossa disposição do ponto de vista laboral. Não vão mais nos pagar para fazer determinadas coisas, porque elas serão feitas pelas máquinas com melhor desempenho e custo. E agora vão nos pagar para o que mesmo? Tenho essa convicção de que caminhamos para as sociedades com a chamada renda mínima universal, que alguns países, como a Finlândia, andam testando: a sociedade, através do Estado, o seu braço organizado, vai pagar uma quantia a cada mês para que as pessoas tenham de que viver, dado que elas, do ponto de vista laboral, não serão necessárias. Seremos pagos para viver e consumir.

Vamos ser pagos para consumir? Sim. Vamos ser pagos para consumir o que as máquinas vão produzir. É sabido, por exemplo, que a produção agrícola é cada vez mais feita por máquinas. O campo emprega muito pouca gente. Vi uma reportagem interessantíssima sobre a França em que um sujeito comprou quatro ou cinco máquinas e passou a se ocupar da terra dele – Na França é tudo minifúndio, não tem latifúndio como no Brasil – e da terra dos vizinhos num raio de seis quilômetros. Simplesmente um dia aqui, outro dia ali, com as suas máquinas, ele cuida de tudo sozinho. Produz comida, mas não empregos. Temos de admitir, o humano do ponto de vista laboral vai ficar obsoleto. Podíamos comemorar. Vamos ficar livres, não precisaremos mais trabalhar. Estou aqui numa sala de trabalho intelectual, acadêmico, universitário. Todo mundo gosta do que faz, todo mundo ama o que faz, todo mundo quer fazer o que faz, mas a maior parte das pessoas não faz o que gosta, não ama o que faz. Uma vez fiz uma entrevista com o filósofo Bruno Latour. Eu estava impressionado por ter ido de Porto Alegre até Montpellier, na França, sem falar com ninguém.





Eu tinha despachado a minha bagagem no self-service e saído de casa já com os cartões de embarque. Passei o passaporte naquele leitor automático. Dormi no avião, não falei com a aeromoça. Não jantei. Quando desci, peguei aquele veículo que se desloca sozinho, sem condutor, para trocar de terminal. Reembarquei nas mesmas condições. Cheguei. Peguei ônibus e tramway. Entrei no hotel com um cartão que haviam me mandado. Peguei com umas moedas um sanduíche e água mineral numa máquina. Num escaninho, acessei a chave do quarto. Entrei no quarto, deitei e dormi. No outro dia, fui ao supermercado. O supermercado que eu conhecia tinha umas 20 caixas. Só restava uma moça trabalhando. As outras 19 posições eram self-service. Contei isso para Bruno Latour. Perguntei: o que as pessoas vão fazer? Ele disse, "ah, mas ninguém gosta de trabalhar como caixa de supermercado, é enfadonho". Fiquei sem saber o que responder, mas em dúvida.

Na minha cabeça, repicava: o que vamos fazer com todas essas pessoas quando elas não tiverem mais nem mesmo esses trabalhos enfadonhos para fazer, esses fardos insuportáveis, enfim, que elas fazem por necessidade, por obrigação, não por prazer, por satisfação, por escolha? O que é que elas vão fazer? Pode-se tratar isso com ironia. O escritor francês Michel Houellebecq, a meu ver o maior escritor vivo atualmente, é focado nesse tema. Organizei duas viagens dele ao Brasil. Numa delas, em Porto Alegre, estávamos numa grande avenida e passou um ônibus. Ele disse que havia muitos anos que não andava de ônibus no estrangeiro. Subimos no ônibus. Houellebecq espantou-se com a figura do cobrador. O cara ali naquela roleta, naquela catraca, cobrando a passagem. Na Europa não tem mais isso. Ele disse, "mas isso é uma invenção maravilhosa, a França deveria adotar, reduziria o número de pessoas que recebem ajuda governamental e ficam sem fazer nada".

Enfatizou, "daria uma ocupação para as pessoas". Era uma ironia, não é por aí que as coisas serão resolvidas, mas fazia algum sentido. As agências bancárias vão desaparecer. Tudo isso que estamos vendo hoje, que ainda existe, é vestígio, vai ser estudado pelos arqueólogos. Estamos vendo o desaparecimento de uma época e a questão é saber o que vai acontecer com o humano quando essa época tiver desaparecido. O humano tem sido atacado de vários lados, em boa parte por culpa dele. Ele tem sido atacado, por exemplo, pela crítica ao antropoceno. O que é o antropoceno? Essa era em que o homem tem destruído a casa comum. Então ele é culpado, deve ser condenado. Ele foi muito atacado pela, digamos assim, vertente epistemológica anti-humanista como resíduo que atrapalha o funcionamento correto da estrutura. Seria preciso se livrar desse humano com sua subjetividade incômoda. Ele também tem sido bombardeado pelo seu papel histórico nas piores coisas feitas ao longo dos séculos, como guerras, massacres, genocídios, escravização, especismo, etnocentrismo.

Convenhamos, admitamos, o humano não tem boa reputação e muitos gostariam de se ver livres dele. Mas o humano é um dado concreto, somos nós. Estamos aqui e é preciso fazer alguma coisa de nós. Se lemos Harari com certa ansiedade, ficamos preocupados. Dá para imaginar o seguinte cenário: numa tarde qualquer de 2086, uma pessoa, conectada a um monte de sensores, que vão medir a sua pressão e todas as outras coisas, olha uma tela. E se, por exemplo, ela tiver uma leve suba de pressão já vem um medicamento automático que corrige o desvio. A pessoa recebe todos os alimentos e está ali diante de uma tela que obviamente não vai ser acionada por um controle remoto, que é uma coisa ainda meio analógica; vai ser acionada pelo seu olho para simplesmente mudar os canais e dar novas alternativas em dezenas de variantes da Liga dos Campeões. É evidente que vai precisar muito mais ligas dos campeões, dezenas, centenas para ocupar essa população toda, o tempo inteiro, em busca de alguma coisa para fazer, de uma maneira de aliviar a pressão do tempo.



É a imagem que me vem quando leio esse tipo de relato, quando incremento esse tipo de relato, a desse humano como um frango no aviário. O que que é um aviário? É um espaço terrível. O espaço do frango é mínimo e ele tem tudo que precisa ali, tudo que precisa para quê? Para crescer, engordar e morrer. É isso. Não sou contra a tecnologia, não tenho nada contra a tecnologia, que é fabulosa. Procuro usar todas as tecnologias, mas a tecnologia está caminhando para mudar a humanidade. Eu sei que é de bom tom pensar que estamos no comando, mas nós não estamos. E vamos estar cada vez menos no comando. Hoje, alguns humanos estão no comando, mas, com o passar do tempo, eles serão cada vez menos numerosos. A maioria esmagadora não está e não estará no comando. Não nos livraremos do totalitarismo algorítmico. A tecnologia não deixa voltar para trás. O que que vamos encontrar lá na frente? Temos dois caminhos. O moriniano quer pensar que isso é uma oportunidade. Quem sabe a gente inventa um outro mundo de poesia, sensibilidade, descanso, uma vida que não seja focada no trabalho, na produção, na competição. Esse negócio de vida focada no trabalho é uma coisa muito recente. E não é de todas as culturas.

Quem sabe damos o grande salto para o diferente? Por que não? Podemos aprendemos com as culturas que nunca viveram focadas no trabalho, que nunca colocaram na ficha do hotel uma identificação profissional, professor, jornalista, como marca de identidade e autodefinição. Temos um grande problema pela frente: a tecnologia vai nos libertar, mas não queremos essa liberdade, estamos chocados com a liberdade que a tecnologia vai nos dar. Eu diria que não vamos recusar essa liberdade. Mas também durante muito tempo não saberemos fazer uso dela. O que acontecerá num primeiro momento, que poderá durar alguns séculos, será uma servidão voluntária do humano à tecnologia? Já é um pouco assim.

Já é isso que vivemos. De certa maneira, vivemos uma fascinação total pelo tecnológico, que nos ajuda, encanta e principalmente nos distrai. O maior uso feito de todos esses aparelhos, de todos esses gadgets, de todos esses dispositivos, é recreativo. Se pegar no sentido amplo, fica-se ali rolando *feed* ali para ver se encontra alguma coisa. Isso para nos liberar da terrível sensação de que temos todo dia de que não sabemos o que que estamos fazendo aqui. E não sabemos, mas estamos aqui. Dado que estamos aqui, é preciso que fazer alguma coisa. A inteligência humana é tão extraordinária que está sendo capaz de inventar uma inteligência artificial que vai suplantá-la. Esse é o ponto. Sem retorno. Inapelável. Uma inteligência artificial que vai suplantar a inteligência natural da maioria dos humanos. Pode ser que sobrem alguns gênios que ainda estarão acima da inteligência artificial.

Alguns especialistas estão dizendo que se espera, ou até mesmo se prevê, que todas as doenças possam encontrar cura graças à capacidade de combinação de moléculas da inteligência artificial. Porque é isso, no fundo, precisa ficar testando. Será que isso casa com aquilo? A inteligência humana vai devagarzinho nessas aproximações, mas com uma inteligência que é capaz de combinar tudo ao mesmo tempo, num mesmo momento, soluções que a gente não imaginava vão aparecer. As tentativas são, por enquanto, de acerto e erro. Vou dar um exemplo bem trivial. Em Porto Alegre agora é moda ir almoçar no Embarcadero, uma série de restaurantes na beira Rio Guaíba. Havia uma polêmica em certo momento, pois parece que não se quer pobre lá. Havia a tentativa de impedir gente entrando com comida e bebida para acessar a margem pública do rio, num processo de gentrificação, claro.





Fui almoçar lá e percebi que nos restaurantes *fashion* eles fazem experimentações dignas de uma inteligência artificial. Por exemplo, sorvete com manjericão. Eu jamais teria imaginado que essa é uma combinação possível, mas eles combinaram. Do meu ponto de vista, ficou horrível. Mas, segundo eles, é a sobremesa mais vendida do restaurante. O quanto poderá a inteligência artificial fazer de combinações desse tipo? Quantas receitas? Adeus receita da vovó. Estou falando tudo isso desta maneira prosaica, leve, pessoal, anedótica por ser uma maneira de dizer que estamos caminhando para um mundo desconhecido do qual estamos vendo apenas os indícios e que passa por uma transformação radical. Outro dia saiu uma notícia de que cientistas descobriram um processo pelo qual se pode retardar o envelhecimento em até 80%. Digamos que se consiga viver uns 200 anos e talvez nesses 200 anos dê para então avaliar algumas coisas, como a nossa relação com a tecnologia.

Sam Altman, que é supostamente o pai do GPT, dono da OpenAI, “tranquilizou” o mundo dizendo o seguinte, que tem 34 profissões que não vão desaparecer: açougueiro, padeiro, pedreiro, etc. Ou seja, pela primeira vez, de maneira radical, não são as profissões manuais que estão sendo superadas, são as profissões intelectuais, advogados, jornalistas, etc.

Eu diria que a única coisa que nos diferencia hoje da inteligência artificial é que ela não é volitiva. Isso ainda é bom para nós? Ser volitivo significa o seguinte: hoje eu gostaria de ir é a Santa Catarina passar o dia com os amigos e tomar uma vodca. A inteligência artificial não amanhece com vontade de tomar vodca. Ela não tem vontades próprias ainda. Também podemos dizer que, se quisermos, podemos desligar a inteligência artificial. Mas não queremos. Não podemos querer porque estamos fascinados por ela. Nem seria humanamente inteligente silenciá-la. No dia, contudo, em que ela tiver capacidade volitiva, teremos encerrado o nosso ciclo. Será o fim do humanismo. O humano vai continuar, mas vai ter de aprender a viver, porque ele não sabe viver, que não é só trabalhar, mas ele acha que é.

Por que não ser poeta? Por que não fazer da vida uma obra de arte? Por que não viver para ver a vida passar, a chuva cair, o sol brilhar, o pássaro fazer o seu ninho, a criança brincar, a moça desabrochar? Eu já tenho 63 anos, idade em que se começa a pensar, o que que eu vou fazer depois da aposentadoria? Edgar Morin salienta que fomos produzidos pelo imaginário do *homo faber*. Só que somos também *ludens*, podemos ser *demens* e tantos outros, poético, estético, não apenas econômico, produtivo, utilitário, rentável.

Por que não vou fazer poesia? Todo mundo pode se tornar artista, fazer da sua vida uma instalação. Será que estamos prontos? Queremos.? Podemos. Vamos dar que lugar ao humano numa sociedade que indica claramente que tudo aquilo que o humano vem fazendo do século dezoito para cá não será mais necessário, não terá mais valor de troca, nem de uso? Tudo isso que estamos fazendo, insisto, que sabemos fazer, que aprendemos laboriosamente a fazer, fazemos bem, gostamos de fazer, sentimento orgulho, não será mais necessário.

Harari diz que a inteligência artificial poderá fazer muitas coisas por nós melhor do que nós, até nos conhecer melhor do que nós mesmos e, portanto, será, se a gente quiser votar com coerência, melhor entregar para inteligência artificial o nosso voto, pois, com nosso perfil completo, psicológico, político, sociológico, a escolha será mais coerente. Temos uma ideologia, um pensamento, mas a caminho da urna encontramos um candidato simpático, tão bonito, filho da vizinha, sedutor, enfim, e mudamos o voto. Nós, humanos, somos assim, afetivos incoerentes, irracionais, maravilhosamente



subjetivos. Somos tudo que não presta do ponto de vista da racionalidade e do paradigma positivista da ciência clássica.

Do ponto de vista do paradigma científico clássico, para salvar a humanidade de si mesmo, só vejo um caminho: ficarmos livres do imaginário do trabalho. Saudar, aplaudir, vibrar com a tecnologia que pode nos libertar de tudo isso. Devíamos comemorar a proximidade da emancipação. Possivelmente a maioria da população já comemore.

REFERÊNCIAS

CHAM, Jorge; WHITESON, Daniel. **Não tenho a menor ideia**. Rio de Janeiro: Best-Seller, 2019.

HARARI, Yuval. **Homo Deus**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis: Vozes, 2024.

